

A CRÔNICA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: ENTRE A LEITURA E A PRODUÇÃO

THE LITERARY CHRONICLE IN THE CLASSROOM: BETWEEN READING AND PRODUCTION

Maria Iraneide dos Santos Martinho 1
Moama Lorena de Lacerda Marques 2

Resumo: Para que os alunos se tornem leitores proficientes, é necessário estimularmos ações que os motivem e que os levem a uma leitura reflexiva, assim como a uma interpretação crítica da realidade em que vivem e na qual atuam. Pensando nisso, planejamos uma intervenção para a qual traçamos metas e objetivos a serem alcançados. A nossa proposta interventiva teve por finalidade trabalhar a leitura literária em uma sala de aula do nono ano de uma escola pública municipal na cidade de Cabedelo-PB. O nosso trabalho se deu por meio de oficinas temáticas de leituras literárias para estimular nos alunos o gosto pela literatura e contribuir para torná-los leitores críticos e reflexivos. Com esse objetivo, utilizamos o gênero crônica, escolhido porque aborda temas atuais e que são parte do cotidiano dos alunos. Como embasamento teórico, valemo-nos dos estudos de Arriguci (1987); Candido (1995); Candido (2003, 2014); Kleiman (2016); Sá (2005); Soares (2006, 2011); Todorov (2009) e Zilberman (2009).

Palavras-chave: Leitura literária. Oficina temática. Crônica.

Abstract: In order for students to become proficient in reading, it is necessary to stimulate actions that motivate them to read and that lead them to a reflexive reading, as well as a critical interpretation of reality. With that in mind, we worked out an intervention for which we set goals and objectives to be achieved. Our proposal of work has the purpose of working the literary reading in a classroom of the ninth year of a municipal public school, in the city of Cabedelo-PB. Our intervention work was done through thematic workshops of literary readings to stimulate in students the taste for literature and contribute to make them readers critical and reflective. To this end, we use the chronic genre, chosen because it addresses current themes and students' daily lives. As theoretical basis, we use the studies of Arriguci (1987); Candido (1995); Candido (2003, 2014); Kleiman (2016); Sá (2005); Soares (2006, 2011); Todorov (2009) and Zilberman (2009).

Keywords: Literary reading. Thematic office. Chronic.

Mestre em Letras pela UFPB através do programa PROFLETRAS. 1
E-mail: iraneidesm@hotmail.com

Doutora em Literatura e Cultura e professora de Literaturas de 2
Língua Portuguesa da UFPB. E-mail: moama@ccae.ufpb.br

Introdução

A leitura é uma forma de conhecimento da vida e do outro. Sabemos que ler não é apenas decodificar, mas sim um ato reflexivo e uma prática social. Desenvolver as habilidades de leitura e escrita se faz necessário em uma sociedade letrada como a nossa.

Apesar da importância que a leitura tem para a vida das pessoas, a escola ainda enfrenta a falta de interesse dos alunos. Talvez o motivo esteja nas escolhas das obras ou do gênero, como também das estratégias adotadas. Esses fatores podem levar, então, ao desinteresse pelo ato de ler, tanto na escola como fora dela.

No que se refere à escola, ela deveria ser o lugar onde surgiriam novos leitores, onde fosse despertado o gosto pela leitura, contribuindo para a formação de leitores proficientes. Mas, o que costuma acontecer em seu espaço é uma leitura feita de forma mecânica, sem atribuição de sentidos e que, portanto, não desperta o interesse. Muitas vezes, o texto é usado apenas como pretexto para trabalhar as questões gramaticais, estudo do vocabulário ou o preenchimento de fichas.

Para mudar essa situação, a leitura literária pode ser um caminho para se tentar chegar até os alunos e, assim, conquistar cada vez mais leitores. Para tanto, é papel da escola procurar estratégias que contribuam para promovê-la em seu espaço, dinamizando mais as aulas e ajudando o aluno no processo de ensino e aprendizagem. Não uma leitura em que ele apenas decodifique, mas que faça sentido, que, a partir dos elementos do texto, possa ser capaz de interpretar e compreender o que está lendo, e, assim, fazer as inferências necessárias, tornando-se um leitor proficiente.

A nossa proposta tem como finalidade trabalhar com o gênero literário crônica em sala de aula, buscando motivar o gosto pela leitura literária dos alunos do 9º ano do ensino fundamental. Vale ressaltar que a crônica tem boa aceitação nessa fase, por ser um texto provido do trabalho estético com a linguagem, abordando temas do cotidiano. O cronista faz isso a partir da sua subjetividade, utilizando, por vezes, uma imagem metafórica e poética. Sem falar no humor e na ironia que se fazem, muitas vezes, presentes. Já os temas e a linguagem costumam ser mais próximos do cotidiano dos alunos. Além disso, é fácil de encontrar nos livros didáticos, em jornais, revistas e nas redes sociais. Destacamos que esse artigo é um recorte da nossa dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS da UFPB, *Campus* de Mamanguape/PB, que tem por autoria e orientação as autoras deste artigo.

Considerações iniciais sobre a leitura literária

É notória a presença da leitura na vida do ser humano em vários aspectos do seu dia a dia, e na sala de aula se faz ainda mais presente, por isso desenvolver as habilidades de leitura e escrita se faz necessário. A convivência com as letras faz parte do cotidiano do aluno antes mesmo de iniciar a vida estudantil. Sabemos que um leitor competente é aquele que compreende o que lê e que consegue fazer as inferências necessárias para o seu entendimento. É aquele que consegue fazer uma relação entre o que lê e suas experiências de mundo, ou seja, ele não decifra códigos apenas, mas compreende o que lê. Os PCN de língua portuguesa já tratavam desse assunto ao dizer que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata apenas de extrair informação escrita decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê. (BRASIL, 1997, p. 41)

A leitura deve fazer sentido para o aluno, proporcionando a ele um processo de busca a partir dos elementos do texto, para, assim, interpretar e compreender o que está lendo. Nesse

contexto, então, cabe à escola dar suporte ao aluno para que ele possa participar ativamente do processo de leitura, transformando-o em um leitor competente, que saberá fazer as inferências necessárias para a compreensão do que foi lido.

A escola é um dos principais lugares em que se dá o processo de formação de leitores, mas só alcançará sucesso se acontecer dentro de um contexto significativo para o educando. O leitor realmente só se forma quando acontece uma prática de leitura constante, utilizando os mais variados gêneros textuais e literários que circulam entre nós para, assim, não apenas decodificar, mas principalmente, compreender.

Já que o contexto não está muito favorável para a leitura na escola, então a leitura literária pode ser essa alternativa. Conforme Zilberman (2009), “Leitura e escola talvez devam recorrer à literatura para retomar seu rumo e reavaliar seus respectivos propósitos.” (ZILBERMAN, 2009, p. 29). A autora reforça o quanto é importante a literatura para a formação do aluno leitor e o quanto ajuda no processo de formar leitores efetivos, que possam, assim, desenvolver o gosto pela leitura. É necessário, então, que o professor trabalhe o texto literário sempre estimulando o aluno a atribuir sentidos à leitura feita; para isso, deve utilizar recursos que possibilitem a interação entre o leitor e texto. Ele será esse intermediário, porque estudou para isso e já adquiriu conhecimentos além dos que o aluno possui, portanto, como leitor mais experiente, cabe a ele essa intervenção. É necessário, então, que, para auxiliar nesse processo, o professor seja um leitor.

A literatura ajuda no processo de formação do educando, ampliando sua visão de mundo, possibilitando uma aproximação com a própria vida e passando, inclusive, a entendê-la melhor, ajudando muitas vezes a conviver com as próprias dores. Nesse caso, a literatura é fonte de humanização. Tzvan Todorov, na obra *A literatura em perigo* (2009), vem corroborar com esse pensamento, quando ele diz que a literatura o ajuda a viver. E ele diz mais adiante:

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-24)

Essa “função humanizadora da literatura”, de que já nos fala Antonio Candido (1995), vem sendo ignorada nas escolas. Candido nos diz que a Literatura é fonte de humanização, um direito de todos porque permite sonhar. A partir da leitura de textos literários, o ser humano pode se transportar para um mundo de sonhos. Para ele, a literatura tem papel formador da personalidade, tanto individual como social. Segundo suas palavras, “cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”. (CANDIDO, 1995, p. 175)

A escola, ao retomar a leitura literária, estará proporcionando ao estudante leitor uma retomada de seu propósito, que, ao mesmo tempo em que é transformadora, amplia os conhecimentos e proporciona o prazer. Portanto, é preciso que a escola estimule os alunos a perceber como, através da literatura, eles podem pensar e repensar as suas próprias vidas, vendo de modo diferente a sua própria existência e a do seu semelhante, ampliando, assim, sua visão crítica.

A leitura literária proporciona o conhecimento do humano, de poder se colocar na vida do outro, algo que já não se vê tanto nessa sociedade moderna, em que as pessoas vivem numa correria sem fim, cada vez mais centradas em si mesmas. Conforme Cosson (2017),

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a

literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. (COSSON, 2017, p. 50)

A sala de aula deve ser um lugar em que se compartilha as impressões de leituras. As obras trabalhadas precisam fazer sentido para o aluno, que pode relacioná-las com seu cotidiano, constatando seu papel social. Não há como desvincular a literatura do espaço escolar, ela faz parte deste e pode ser estendida para outros espaços na convivência diária.

Ao não se ensinar nas escolas a leitura literária, está se tirando um direito do aluno de refletir, de transformar o seu mundo, de se reconhecer no outro e de reconhecer a função de reconstrução da palavra, pois os textos literários são os que mais aproximam o ser humano da sua vivência, ao abordarem temas que fazem parte do cotidiano e que, conseqüentemente, nos humanizam. Portanto, ensinar a leitura literária nas escolas se faz necessário, mesmo que ela tenha que se adaptar a normas do sistema escolar. Segundo Soares (2011),

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize e não se pode atribuir em tese, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. (SOARES, 2011, p. 21)

A autora fala em “tese” porque, às vezes, no espaço escolar, a literatura acaba adquirindo um sentido negativo devido à maneira como é trabalhada. É importante que se compreenda como má escolarização da literatura a fragmentação de textos, ou seja, pequenos trechos de obras que geralmente os livros didáticos trazem, e que muitas vezes, só estão ali com o intuito de trabalhar a gramática ou para responder algumas perguntas de interpretação as quais são facilmente decodificadas pelos alunos, não os levando à dialogicidade que o texto literário proporciona. É o uso da literatura para outros fins que não seja a abordagem específica do objeto literário e que, portanto, não contribui para que os alunos das nossas escolas se tornem leitores proficientes.

Nesse caso, o que se deve criticar é a maneira inadequada como é trabalhada e não a sua mera escolarização. A autora destaca três instâncias desta: a biblioteca escolar, a leitura e o estudo de livros de literatura e a leitura e os estudos de texto. Então, “o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção.” (SOARES, 2011, p. 21). São várias as formas de inadequação da escolarização da literatura, mas é preciso que as escolas ofereçam atividades diferenciadas e que os professores estejam preparados para tais atividades. Para que não aconteça essa inadequação, é necessário se tomar alguns cuidados. Para começar, encontrar um novo jeito de ensinar literatura, novos caminhos para o incentivo à leitura de livros, promovendo uma escolarização adequada.

É importante, então, que o professor privilegie o texto literário, procurando, sempre que possível, levar a obra e não um fragmento descontextualizado. Nos casos de obras extensas, como romances, vale levar um capítulo, como também pode ser interessante mostrar outros suportes em que aquela obra pode ser encontrada; tudo irá depender de como o professor conduzirá o seu trabalho, que estratégias ele utilizará para o contato com o literário.

Devemos respeitar o texto na sua integralidade, sem cortes, pois assim pode ser feita uma leitura que lhe atribua sentidos, e o texto literário propõe várias atribuições de sentido. Soares (2011) ressalta, então, que, como é impossível não escolarizar a literatura, essa escolarização obedeça a critérios que preservem o literário, promovendo o letramento literário e o despertar do prazer pela leitura.

Vivenciando a crônica literária na sala de aula

Sobre o gênero crônica

A palavra crônica tem suas origens na palavra grega “*khrónos*” e no latim “*chronikós*”, que significa tempo. No latim, ela existia para dar nome ao gênero que registrava os acontecimentos históricos e verídicos. Durante o mercantilismo e com a expansão marítima para se chegar a novos continentes, a crônica torna-se importante para os cronistas de viagem relatarem as terras encontradas.

A crônica histórica começa no Brasil, quando Pero Vaz de Caminha manda em 1500 para D. Manuel, o rei de Portugal, uma carta falando das terras encontradas por aqui e do dia a dia dos seus habitantes. Esse tipo de crônica é conhecido também como crônica de viagem. A carta é considerada o primeiro texto escrito no Brasil, e sobre ele, de acordo com Sá, “o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva.” (SÁ, 1987, p.5-6). No entanto, a crônica contemporânea não tem mais essa característica histórica, embora, a sua relação com o tempo não tenha deixado de existir. Davi Arrigucci (1987) nos fala dessa característica:

São vários os significados da palavra. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo [...] trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira como memória escrita sua matéria principal, o que fica do vivido - uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. (ARRIGUCCI, 1987, p. 51-52).

Com o aparecimento da imprensa, a crônica surge nos jornais como folhetim, ou seja, um artigo de rodapé, que falava das coisas do dia a dia. Isso se dá por volta do século XIX, na França. Conforme diz Marlyse Meyer (1992, p. 96), “**De início 40** – começos do século XIX – le feuilleton designa um lugar preciso do jornal: o rez-de-chaussée – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento.” É por meio desses espaços nos jornais que a crônica ganha fôlego aqui no Brasil. Segundo Antonio Candido, no texto “A vida ao rés-do-chão” (1992, p.15), “no Brasil ela tem uma boa história e até se poderia dizer, sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade que aqui se desenvolveu”.

Nessa época, século XIX, muitos escritores brasileiros começaram sua carreira nos jornais como folhetinistas, desenvolvendo um estilo próprio de escrever. Eram autores que viviam entre o jornal e a literatura. Entre eles, temos José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac e alguns outros, que, através do seu estilo e da maneira como utilizavam a linguagem, conseguem deixar suas marcas. Eles falavam das coisas simples e banais, mas colocavam um tom subjetivo ao que diziam. E é assim que surge o gênero crônica nos moldes que temos hoje: “filha do jornal e da era da máquina”, como diz Antonio Candido (1992, p.14)

No século XX, temos outros escritores que também conseguem se sobressair escrevendo crônicas em consonância com a escrita dos outros gêneros, que os tornaram mais conhecidos, mas que, nem por isso, deixavam de escrever suas crônicas diárias nos jornais. É quando surge, nessa época, Rubem Braga, o cronista que viveria apenas para escrever crônicas. De acordo com Antonio Candido,

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus

rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. (CANDIDO, 1992, p. 17)

Uma das características da crônica é a sua transitoriedade, porém, ela vai além, pois os escritores conseguiram ampliar esse conceito de transitório a partir da maneira como são escritos os textos e, assim, aproximando-se cada vez mais da literatura, passando, então, do jornal para o suporte do livro, e ganhando perenidade. Arrigucci diz:

À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. (ARRIGUCCI, 1987, p. 53).

Notamos, assim, que a crônica adquire o status de literatura a partir do momento em que o cronista fala das coisas do dia a dia, mas não o faz de qualquer maneira. Ela leva o leitor refletir sobre as questões da vida, conseguindo adentrar no psicológico e no social e, dessa forma, aproximando-se do leitor atual.

Não resta dúvida de que a crônica trata de fatos corriqueiros, das vivências das pessoas, porém é a forma como apresenta a palavra que faz a diferença. Através do trabalho com a palavra, o cronista tenta aproximar-se do leitor. Faz isso de modo sutil, subjetivo, poético, pegando o miúdo e mostrando nele “uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas” (CANDIDO, 1992, p. 14).

O cronista arruma as palavras, trabalha a linguagem e consegue inserir no texto o seu olhar pessoal e subjetivo. O desafio do cronista é conseguir transformar um fato cotidiano em algo que seja atraente para o leitor. De acordo com Arrigucci (1987), o cronista deve buscar uma saída literária, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Vejamos:

Muito próximo do evento miúdo do cotidiano, o cronista deve de algum modo driblá-lo, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Buscando uma saída literária, as margens de sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata. Com isso, às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo (ARRIGUCCI, 1987, p. 55).

As crônicas hoje são veiculadas nos mais diversos veículos de comunicação. Além do jornal e do livro, estão nas revistas, nos sites e blogs, aproximando-se ainda mais do leitor, principalmente do leitor jovem. Também encontramos jovens escritores cronistas que têm como principal meio de veículo para divulgar os seus textos apenas a internet. Porém, o seu vínculo com o jornal não deixou de acontecer, sendo um dos veículos do qual a crônica se utiliza para chegar até os leitores.

Outro espaço em que se encontra uma grande quantidade de crônicas atualmente é o livro didático. Num país em que os alunos, muitas vezes, não têm como comprar livros, o didático é material importante para a formação de leitores, embora nem sempre as atividades apresentadas neles sejam estimulantes. É indispensável, nesse caso, que o professor tenha um olhar atento e crítico, utilizando apenas o que estiver condizente com o planejamento e os objetivos traçados.

Optamos por trabalhar com a crônica pelo viés da literatura por acreditarmos que ela possa contribuir para a formação do leitor literário no espaço escolar, e que através desse gênero os alunos desenvolvam o hábito e o gosto pela leitura literária não só na escola, mas também, além dos muros da escola, no seu dia a dia, ajudando-os a se tornarem leitores proficientes. Segundo Filipouski:

[...] a crônica é um gênero de texto que procura contar ou comentar histórias da vida cotidiana. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo, até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com seus amigos. Mas uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu. Então você deve ter notado também, ao ler a narração do fato, como ele ganha um interesse especial, produzido pela escolha e pela arrumação das palavras. A crônica nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Isso sem dúvida é literatura (FILIPOUSKI; MARCHI, 2009, p. 85).

Isso quer dizer que o cronista conta coisas que podem ter acontecido com qualquer um. Porém, o que faz a crônica ser um texto literário é a escolha das palavras, o modo como as palavras são organizadas no texto, levando-nos a entender melhor o que se passa dentro e fora da gente.

A crônica literária na sala de aula

A crônica deve estar presente na sala de aula, pois é um texto curto, de fácil leitura e que leva a reflexão. Os temas tratados são atuais e ela pode ser encontrada em vários veículos de comunicação. Como já foi mencionado aqui, os livros didáticos apresentam uma grande quantidade de crônicas em todas as séries do ensino fundamental e médio. Nas palavras de Luiz Carlos Simon:

O trabalho com a crônica nos diversos níveis do ensino (fundamental, médio e superior) é algo que não deve ser descartado. O fato de ser a crônica um texto curto já constitui um trunfo para diversas situações pedagógicas em que o professor não dispõe de tempo para recorrer a textos mais longos. Além disso, não se trata meramente e apenas de um texto curto. Os assuntos abordados nas crônicas são muito variados: mulher, amor, cidade, infância, política são alguns dos temas usados e abusados pelos cronistas. Há, ainda, uma farta produção de textos que tratam do próprio fazer poético, do cotidiano do escritor e da ambiguidade experimentada pelo cronista entre o meio jornalístico e o universo literário. Os recursos linguísticos e literários utilizados também são diversificados, proporcionando aos leitores contato com formas ricas e múltiplas de elaboração da linguagem. (SIMON, 2016, p. 53)

A crônica, por ser um texto curto, pode ser lida e interpretada mais rapidamente durante as aulas. Como quase sempre aborda fatos do cotidiano, o aluno pode se ver naquelas situações, estabelecendo uma sintonia entre o texto e ele mesmo, já que os assuntos abordados são significativos para ele, porque fazem parte da sua realidade. Os temas, algumas vezes, são tratados com humor, outras vezes com lirismo e, às vezes, de ambos os modos. Essas características contribuem para os alunos refletirem sobre seus comportamentos e sobre suas vidas. Conforme Antonio Candido (1995), a literatura contribui para a humanização do leitor. E é pensando nessa força humanizadora da literatura que a crônica foi trabalhada, pois ela prepara para a vida, estimulando a reflexão e contribuindo para a humanização.

E por tratar de temas os mais diversos possíveis, usando uma linguagem mais próxima da oralidade, é que ela se aproxima do leitor dos nossos tempos, porém isso não quer dizer que o escritor de crônicas utilize a língua de qualquer maneira, mas sim, que ele opta, na maior parte das vezes, por não utilizar a rigidez da norma culta, valendo-se de uma linguagem que tem mais a ver com o dia a dia dos seus leitores e podendo, nesse sentido, atrair mais atenção. Os recursos

linguísticos são muito bem aproveitados pelos cronistas. Jorge de Sá especifica bem essa questão quando ele diz que:

[...]há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. (SÁ, 1987, p. 11)

O texto literário é sempre rico e, ao entrar no mundo mágico da leitura, o aluno estará entrando num mundo diferente do que ele vive, conseguindo sair do seu dia a dia para ir a vários outros lugares. Por essa razão, o trabalho com textos diversificados é interessante e, dependendo da abordagem do professor, esse trabalho poderá deixar bons resultados. Para Cosson (2014), a crônica ajuda no processo de letramento por suas características já elencadas aqui. Segundo ele, o ensino da literatura no ensino fundamental deve comportar textos que sejam “curtos, contemporâneos e “divertidos”. Não é sem razão, portanto, que a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar.” (COSSON, 2014, P. 21).

A crônica é um tipo de leitura interessante para o trabalho com os alunos nas aulas de leitura literária, já que é um texto que prima pelo trabalho estético com a linguagem. Os temas são abordados a partir da subjetividade do autor, utilizando, muitas vezes, uma imagem metafórica e poética. Além das inúmeras vezes em que os temas são abordados com humor e ironia.

Trabalhar com textos curtos, como por exemplo, a crônica, não quer dizer que o professor esteja trabalhando com textos que não tenham profundidade e que não possa ser complexo. A diferença é que, pela curta extensão, o professor pode utilizar uma metodologia mais dinâmica e aprofundar mais o trabalho com esse texto. Por outro lado, o aluno, ao ter ao seu alcance textos que façam sentido para ele, que tratem de temas de acordo com o seu cotidiano, vai se interessar mais. Mais uma vez enfatizando que a postura do professor faz muita diferença. É importante que haja uma interação entre o professor, o aluno e o texto. Isto é estar em consonância com as novas práticas de ensino. Segundo Rezende (2013),

Trata-se de um deslocamento considerável ir do ensino de literatura para a leitura literária, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor e o segundo, no polo do aluno. Esse deslizamento de ênfase não se inscreve apenas no âmbito da literatura, mas se encontra no âmago das tendências pedagógicas contemporâneas. À transmissão de conteúdos se contrapõem as habilidades e competências, e a resultados e produtos se sobrepõe o processo. Isso pressupõe que a formação do aluno não se perfaz mais num só sentido, ou seja, a partir do que o professor ensina, desconsiderando se o aluno de fato aprende: acompanhar o processo de aprendizagem do aluno e dar a ele o tempo necessário é mais importante do que cobrir uma lista de conteúdos previamente definida. (REZENDE, 2013, p. 106-107)

Então, é importante haver uma prática de leitura na escola para assim poder fomentar a leitura literária de maneira prazerosa, mas também que possa levar ao conhecimento e à reflexão. O letramento literário através da crônica ajudará a ampliar o repertório de leitura dos educandos, utilizando-a como fonte de conhecimento, transformando os alunos em leitores efetivos dos mais variados gêneros.

Procedimentos metodológicos

Em termos metodológicos, a proposta que realizamos é de natureza qualitativa com caráter

intervencionista. Essa intervenção foi feita através de oficinas temáticas, sempre com a mediação do professor, configurando-se, assim, como um projeto de pesquisa-ação. Segundo Michel Thiollent, no livro *Metodologia da pesquisa-ação*:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2003, p. 14).

Esse tipo de pesquisa tem como metodologia a pesquisa participante, numa tentativa de unir a investigação à ação prática. É necessário, portanto, a interação entre o pesquisador e os participantes; no nosso caso, os estudantes. A partir da observação e de um questionário, planejamos alternativas para a solução dos problemas. O desenvolvimento do estudo através desse método da pesquisa-ação oferece ao pesquisador e aos participantes um papel ativo para interferir na resolução dos problemas encontrados e no acompanhamento das ações. Sendo assim, os alunos envolvidos nesse tipo de pesquisa devem desempenhar um papel ativo tanto quanto o professor. É importante, então, que a relação entre eles seja sempre a melhor possível para a resolução dos problemas detectados.

Tivemos o cuidado de apresentar a nossa proposta aos educandos, explicando a sua importância para o sucesso do trabalho. Segundo Thiollent, em uma pesquisa convencional, “os usuários não são considerados como atores. Ao nível da pesquisa, o usuário é mero informante, e ao nível da ação, ele é mero executor. Esta concepção é incompatível com a da pesquisa-ação, sempre pressupondo participação e ação efetiva dos interessados”. (THIOLLENT, 2003, P 19). Ou seja, a pesquisa-ação visa unir a pesquisa a prática. Ela procura modificar uma realidade que não esteja satisfazendo a um determinado grupo e ajudar a encontrar uma solução para esse problema.

A nossa proposta de intervenção aconteceu em uma turma do 9º ano, por meio de oficinas temáticas, as quais funcionaram como uma estratégia de leitura para o estudo do texto literário; no nosso caso, as crônicas. Trabalhamos com três temas: amor, as novas tecnologias e preconceito racial. Além da leitura das crônicas, também trabalhamos com outros gêneros, como a música, o poema, o curta-metragem, etc. Ao final de cada oficina, os alunos respondiam a um questionário com perguntas interpretativas sobre as crônicas lidas. Também tivemos a produção de texto, cuja proposta foi escrever uma crônica com um dos três temas trabalhados durante as oficinas.

Segundo Kleiman (2016), as oficinas contribuem para que haja interação entre professor e aluno e esse processo acontece quando o professor propõe “atividades que criam condições para o leitor em formação retomar o texto e, na retomada, compreendê-lo” (KLEIMAN, 2016, P.12). A autora trabalha no sentido de colaboração, em que “aos poucos o professor vai retirando os suportes, e a criança redefine as tarefas para si própria, constituindo-se aí a aprendizagem de estratégias de leitura” (KLEIMAN, 2016, P.12). Nessa visão de interação, o aluno aprende a ler “no sentido cabal da palavra (em que ler não é o equivalente a decifrar ou decodificar), a aprendizagem que se dará nessa interação consiste na leitura com compreensão” (KLEIMAN, 2016, P.12).

Considerações finais

A proposta do nosso trabalho foi promover o gosto e o hábito da leitura literária através da crônica numa turma do 9º ano do ensino fundamental e, assim, auxiliarmos no processo de formação leitora dos nossos alunos, ajudando-os a se tornarem leitores proficientes.

Durante as oficinas temáticas de leitura das crônicas, todos participaram ativamente, ora questionando, ora acrescentando alguma coisa da sua vivência de mundo. Constatamos que houve um desenvolvimento bastante satisfatório dos alunos com relação à compreensão das crônicas lidas durante as oficinas, constatado nas respostas dadas durante as questões de interpretação.

O nosso propósito foi estimular os nossos alunos a se tornarem leitores ativos e reflexivos, aptos a lerem com compreensão. Sabemos que formar leitores é muito importante nessa nossa sociedade letrada, pois assim estamos oferecendo possibilidades aos alunos de se tornarem cidadãos plenos dos seus direitos. A leitura ajuda no desenvolvimento das pessoas tanto no aspecto

linguístico e emocional como também no exercício da reflexão. Trabalhar com textos literários na escola leva a um maior conhecimento do mundo a sua volta, ampliando seus conhecimentos, imprimindo novas perspectivas.

Referências

ARRIGUCCI, D. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa: 1ª a 4ª séries**, Secretaria de Ensino Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

FILIPOUSKI, A. M. R.; MARCHI, D. M. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**. Erechim, RS: Editora Edelbra, 2009.

KLEIMAN, A. B. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2016.

REZENDE, N. L. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVERFALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SIMON, L. C. **Dois ou três páginas despreziosas: a crônica Rubem Braga e outros cronistas**. Londrina/ Pr, EDUEL, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em 20 jan. 2019.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, M. B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2003.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÔSING, T. M. K. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.